



ILUSTRA.  
ÇÃO  
PORTUGUE  
ZA

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.  
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO. 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:  
Trimestre ..... 2\$60 ctv.  
Semestre ..... 5\$00 "  
Ano ..... 10\$00 "

Redacção, administração e officinas: Rua de S. Sofia, 49 — 119994



O MELHOR PRODUCTO  
DO MERCADO.

O MAIS MODESTAMENTE  
APRESENTADO (PRO-  
VISORIAMENTE) PARA  
PODER SER APRECIADO  
POR TODOS AO PREÇO  
DE 0\$60 CADA CAIXA.

Vende-se em todas as boas  
Farmacias, Perfumarias e  
Drogarias.

Depositarios para Portugal,  
Colonias e Brazil:

Fau & Palet L.<sup>da</sup>

R. Aurea, 101, 2.º, D.  
LISBOA



## Gorôas

Onde ha o mais chic  
sortido e que mais ba-  
rato vende, por ter  
fabrica propria. e na

Camelia Branca  
L. D'ABEGARIA, 30  
fao Chiado - Telef. 3270

## Academia Scientifica de Beleza

Directora MADAME CAMPOS

Avenida da Liberdade, 23 — LISBOA

TELEFONE 3641

Só n'este estabelecimento as senhoras devem fa-  
zer os seus tratamentos e comprar os seus produtos de  
Beleza, por ser o unico competente em Portugal. As  
clientes d'este estabelecimento distinguem-se pela fres-  
cura ideal da cutis.

Consultas gratuitas por correspondencia enviando  
estampilha.

Depositos em LISBOA: Rua Augusta, 282 — No PORTO: Rua  
31 de Janeiro, 234.

Deposito geral no PORTO: Consul-  
torio Dentario J. Matos, Rua Sá  
da Bandeira, 235. — Em LISBOA E

**TONIKIM**  
O ALIMENTO E JUVENTUDE  
DOS CABELOS

Silva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.º, R.  
— Em BRAGA: Gomes & Matos, Ave-  
nida Central. — No BRAZIL, PARA:  
A. Matos, Rua Padre Prudencio, 60

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 762

Lisboa 27 de Setembro de 1920

20 Centavos



NA PRAIA — Mesd.<sup>elles</sup> Schmidt, Placido, Pilar Burnay e Innossi

# Cronica da Semana



Mão somos denunciante nem podemos ser tidos por invejosos, como temos provado em circunstancias várias, mas chamar a atenção das autoridades para factos que podem prejudicar a colectividade é um dever a que não fugiremos, embora venhamos a incorrer em censuras.

Inspiraram-nos estas palavras as noticias que tem vindo no «Seculo» sobre o Congresso Trasmontano, feitas,

aliás, com o cuidado e o interesse com que o «reporter» d'aquelle jornal, o nosso querido amigo Nobre Martins, dedica a todos os trabalhos de que se encarrega. Não sabemos se ao leitor passou despercebida a que veio publicada no numero do dia 18, com o sub-titulo "Um delicioso almoço na serra de Chaves": "A mesa, de toalhas alvissimas, que fóra posta sobre a relva, no alto d'um morro que domina toda a veiga de Chaves e d'onde se avista a vila e o rio Tamega, até este se perder em terras de Espanha, estava provida d'um magnifico e abundantissimo repasto. Eram "folares" esplendidos, enormes — pães cosidos, tendo como recheio grandes quantidades de carne, presunto e chouriço — pasteis saborossimos de picado de carne e, em montões, ás duzias, pecegos, peras, parecendo cabeças de crianças e formosos cachos de uvas de varias côres e varias castas..."

Basta! Conhecemos sufficientemente o simpatico jornalista para levarmos á conta de crueldade a insolente minucia de tal descripção; foi, apenas, inconsciente, mas não nos parece licito que se permitam semelhantes requintes de sensualidade de estilo quando uma população inteira só possui de presuntos e de chouriços uma recordação sandosa e apagada. Comessem os senhores congressistas os saborosos petiscos, rebentassem até, se isso lhes aprouvesse, mas calassem-se, por caridade para com o proximo!

Estas e outras é que explicam as barbaridades do "bolchevismo".

COMPLETOU ha dias 70 anos de idade o grande poeta Guerra Junqueiro, o mais alto e luminoso representante da raça, como, sem sombra de exagero, lhe chamou o sr. presidente da Republica no telegrama que lhe enviou a felicita-lo, desejando-lhe, ao mesmo tempo, longa vida para continuar a sua obra.

São poucos os artistas que chegam áquella idade no estado de lucidez em que se encontra o glorioso autor da "Morte de D. João", lucidez que, na verdade, nos permite esperar novas fulgurações do seu espirito privilegiado; mas se alguém julga que a excepção representa um desmentido á opinião, geralmente seguida, de que as tarefas intellectuais esgotam mais rapidamente as faculdades do que o esforço fisico, esse alguém en-

gana-se redondamente. A contradicção é aparente, porque Guerra Junqueiro não tem sido exclusivamente homem de letras, e o que enfraquece e mata o artista é a absorção exclusiva pela arte: Junqueiro entrega-se á lavoura, teorica e praticamente, ao que se diz, empando, podando e cavando pessoalmente as suas cepas, e assim o viticultor tem auxiliado o escritor, robustecendo-lhe o corpo e a alma.

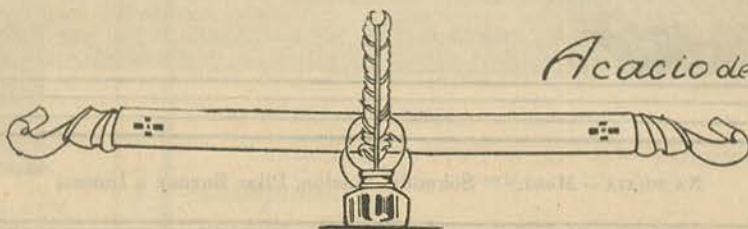
Eis um exemplo a apontar a alguns dos nossos poetas, aos quais muito conviria, a bem da literatura nacional, que fossem cavar batatas.

○ sr. Deschanel, presidente da Republica franceza, acaba de resignar o alto cargo que lhe foi conferido, sómente ha um ano, pelo Congresso e que exerceu de modo notavel, atravez de difficuldades de todos conhecidos. O illustre estadista deu, em curto espaço de tempo, duas quedas perigosas, a primeira da janela d'um comboio em andamento e a segunda n'um poço, quando andava passeando no jardim; achando-se, naturalmente, fatigado e apreensivo, entenderam que devia ser substituido por quem oferecesse mais garantias de firmeza...

Alguns jornais de caricaturas estrangeiros exploraram o facto, que, no fundo, não se presta a humorismos, e um jornal monarchico foi n'ele colher argumentos para demonstrar a superioridade dos reis sobre os presidentes, chegando a achincalhar grosseiramente o sr. Deschanel, como se um monarcha não pudesse desequilibrar-se tão facilmente como qualquer outro mortal. Se a paixão não cegasse os realistas, veriam até que nos regimes republicanos esses percalços remediavam-se de pronto, enquanto que nos regimes monarchicos a mudança de imperantes, por esse ou por outro motivo, só pôde fazer-se penosamente ou, em geral, não se faz, porque o prestigio da corôa ordena ao anlicos que não confessem que o seu rei perde a gravidade com frequencia.

"N'insultez jámais un président qui tombe", diz-nos aqui ao lado um gracejador de mau gosto.

LEMOUS no "Seculo", edição da noite, que o antropologista americano dr. Vandenbergh regressou a New-York depois d'um ano de permanencia na Africa Central, onde descobriu uma nova tribu de pigmeus, os Manbuti, com menos de um metro de altura e outras notaveis semelhanças com os macacos vulgares. O tradutor da noticia diz-nos que o sabio reconheceu que os figurões, posto que destituídos da mais elemental civilização, não mentem nem roubam — e é n'esse ponto que estamos em desacôrdo com o dr. Vandenbergh, se a versão está fiel: não mentem nem roubam "porque" são destituídos da mais elemental civilização, é o que diria quem não andasse na lua.



# O CASTELO DE CERVEIRA

por  
Humberto Beça

Um lanço de muralha visto do interior da praça

Municípios de Portugal! Conservai os vossos castelos; para os vêr muita gente visitará as vossas terras.

**I**STO dizia ainda ha pouco a «Ilustração Portuguesa» a proposito dos castelos de Portugal, e, não pode infelizmente constatar-se que o patriótico conselho tenho tido éco.

Como é desolador e triste o apatriótico despreendimento que por toda a parte, com raras, muito raras excepções, desgraçadamente se nota, bem evidente, bem humilhante, pelos monumentos, já tão poucos, que nos restam do nosso passado historico e que a ignorancia de uns, a malvez de outros, a inercia de muitos e o apatriotismo dos restantes vai acabando de destruir pouco a pouco.

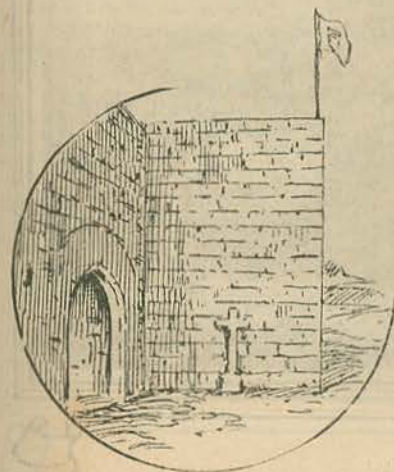
Calcurrian-do serras, desde o modesto cabeço, onde o castro romano pode ter deixado vestigios da sua acção dominadora, até ao alto dos mais elevados picos, onde o castelo godo ou arabe, erguen altaneiro o grupo formidavel das suas torres seteiradas e das suas muralhas coroadas de ameias, debaixo do sol ardente do estio ou sob o frio

cortante dos duros invernos, percorrendo o norte do país na peregrinação de reco ainda nos restem d'um e de força, eu tenho tar-se-me a garganta no pretendem saltar-me desprezo pelo que po as paginas de pedra da ria, paginas que tão mi xado rasgar, cafr aos fóra, onde dentro em cumento que seja o élo ao nosso passado.

Chora-me a alma imensas vezes deante d'esses escombros grandiosos do que foram as sentinelas vigilantes que os nossos maiores por toda a parte ergueram de guarda á nossa liberdade, á nossa independencia, á nossa integridade territorial, d'essas vigias formidaveis de muros, de torres e de barbacãs que são o mais forte laço da tradição a ligar o nosso misero presente ao nosso grandioso passado.

Deixem-nos derruir, esses documentos historicos da nossa existencia de guerreiros, de conquistadores, de batalhadores indomaveis, esses testemunhos irrefragaveis do zêlo, do esforço, da luta travada para fixar e alargar as nossas fronteiras por toda a parte vñcadas a golpes de montante; deixem que inteiramente se percam no abandono criminoso a que se tem votado tudo e o pouco que já nos resta d'esses seculos do maior grandesa d'alma, de mais nobresa e menos egoísmo e dentro em pouco, sem tradições, sem provas, sem documentos autenticos que aos vindouros provem o que fomos, o que

lher os documentos que passado de prosperidade bastas vezes sentido aprimir de lagrimas que os olhos, deante de tanto dem considerar-se ainda nossa esplendida historavelmente se tem de pedaços por esse país pouco não haverá um do a ligar o nosso presente Castelos!... Ruinas!...



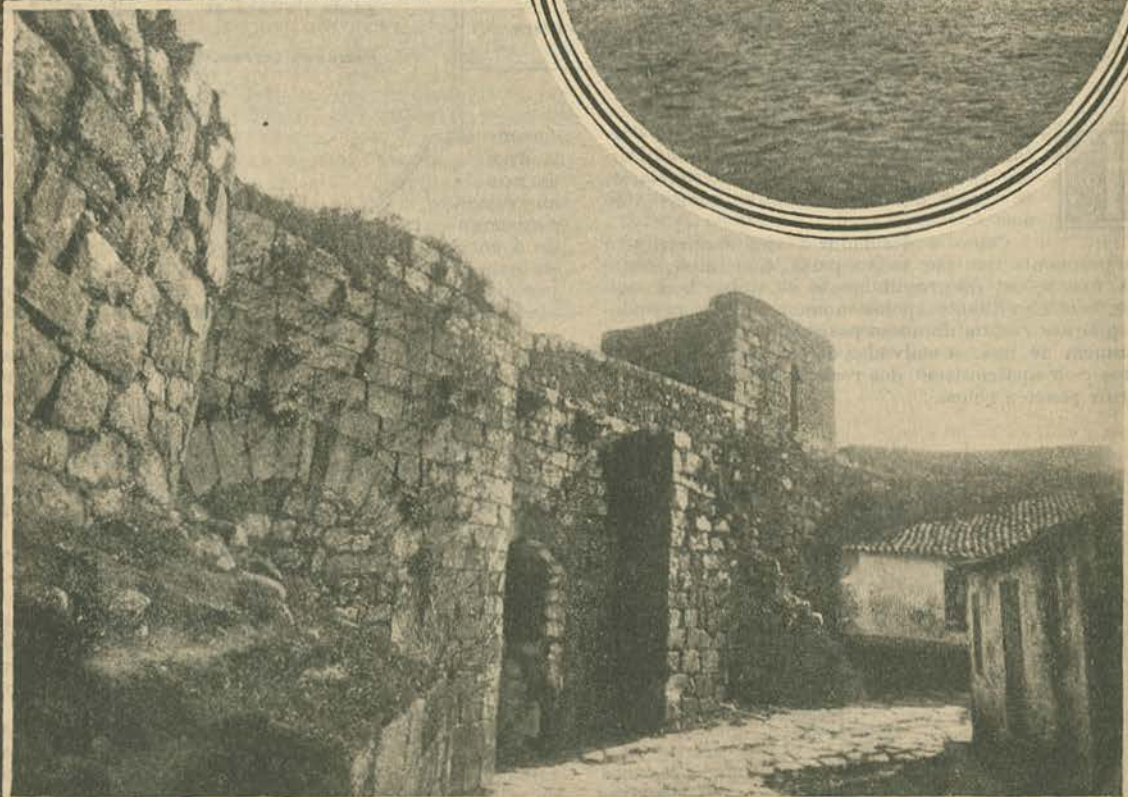
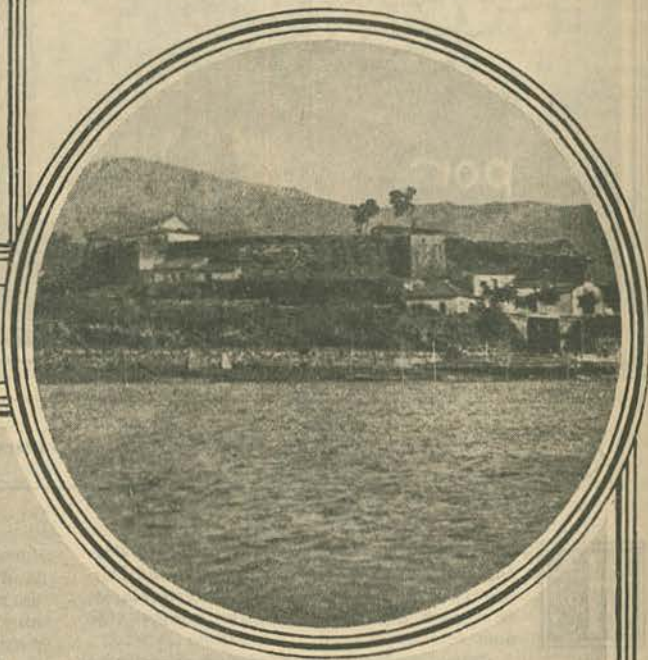
já valemos e o respeito, portanto, a que temos direito; limitem-se apenas aos documentos de anónima origem que se desvirtuam como se tem pretendido desvirtuar, a descoberta da America por Colombo, a acção do infante D. Henrique nas descobertas portuguezas, a invenção do honia, etc. e dentro em pouco, povo sem tradições ou sem documentos que lh'as autentiquem, nós seremos na Europa um povo espurio, sem ao menos podermos mostrar um passado honroso, visto que o presente...

Mas vamos ao castelo de Cerveira.

Ruínas, é claro! Abandono. Muros que se esbarron-dam; pedras que se desagregam, torres que esboroam, a hera complacente tentando encobrir sob os seus festões verdejantes a vergonha de tanta incuria, de tanta ausencia do sentimento de patriotismo, ou, quando outro não fosse, do respeito pela acção e cuidado dos nossos avós em nos pôr a coberto das ciladas do inimigo, em nos garantir o socego e góso tranquilo da terra que para nós ganharam.



A porta do Castelo calada a branco pela camara de Cerveira



O Castelo, A face para o rio Minho  
A porta do nascente com o lanço correspondente a uma das torres que o flanqueavam

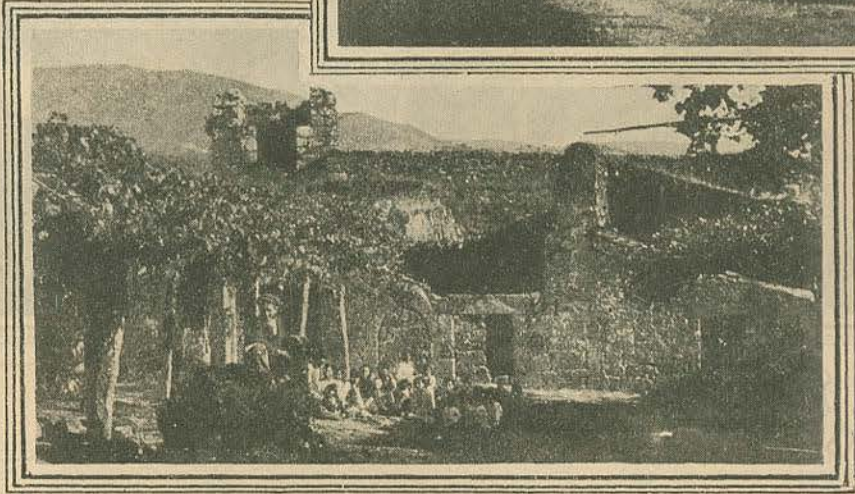
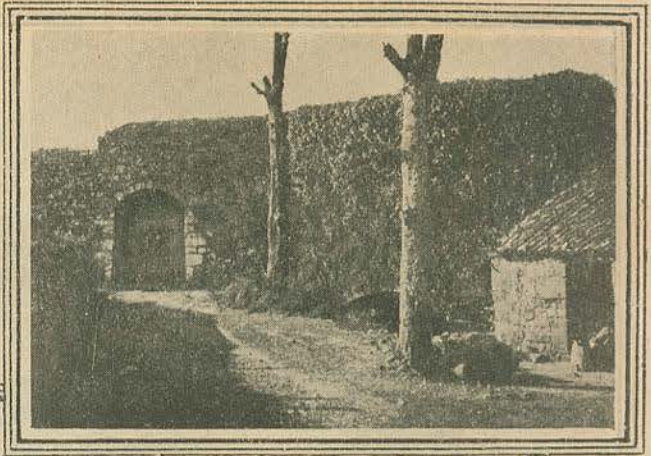
O Castelo de Cerveira, nada tem de notavel pela sua estrutura architectónica, mas convenientemente conservado seria ainda um curioso exemplar d'aquella especie de fortificações, das que mais vão rareando no nosso país.

Sistema de cerca, é de reduzidas dimensões, não devendo ter no seu perimetro mais de 250 a 300 metros.

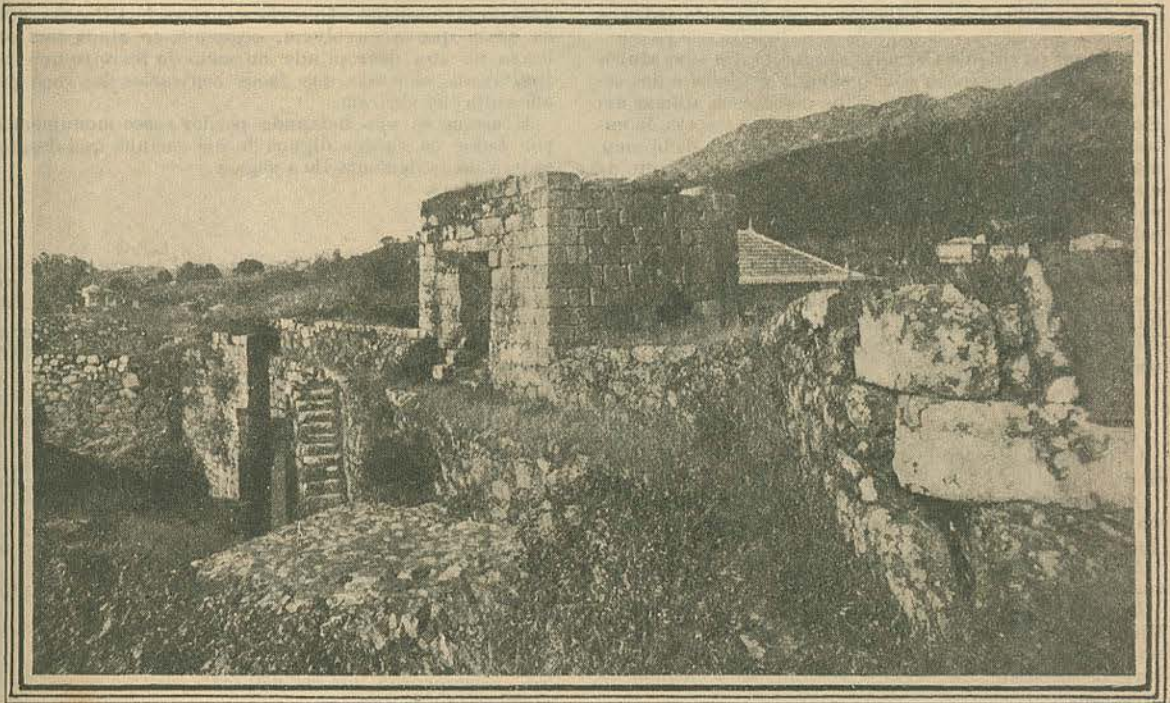
Não sei, porém, por que principio de estética urbana, as edificações de Vila Nova de Cerveira consentiram que encostadas ás muralhas, em dois terços da sua extensão, — por que no outro terço a configuração do terreno não permitia — se construíssem as habitações da vila, que d'esta forma completamente mascararam a muralha, de que só as partes superiores das torres se vêem exteriormente!

Não tem o castelo de Cerveira valor artistico que o recomende? Sem duvida.

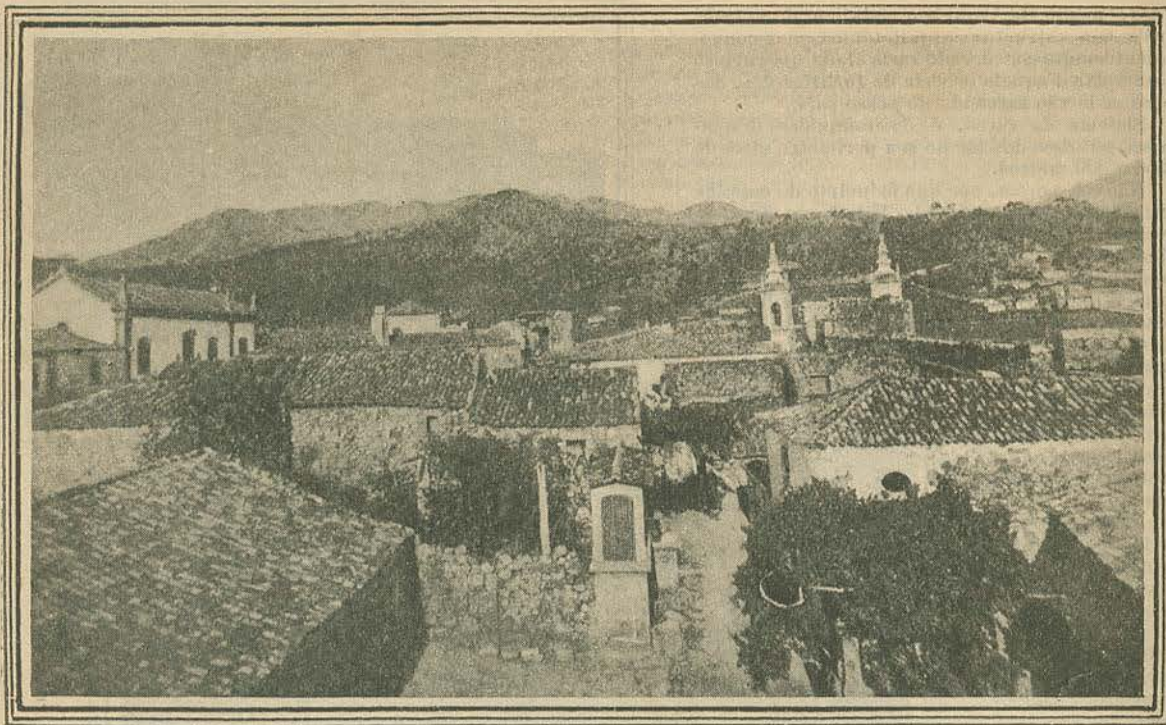
Mas tem valor historico. Tem pelo menos o do precioso sangue português que em torno dos seus muros se derramou na defesa da nossa independencia, tomado pelos hespanhois em tempos de D. Fernando, re-



1 -- As portas do rio e da explanada interior (poente)  
2 -- Ruínas e casebres na praça do castelo



A muralha do lado nascente e a porta do castelo



Cerveira — Vista geral e velhos casebres dentro do castelo



conquistado por D. João; atacado ainda no ano de 1640, etc.

Por que se escondeu o velho castelo na sombra de construcções pifias que o abafam e afogam entre chaminés desequilibradas e telhados a cambar para todos os lados.

Tiveram os edis de Cerveira vergonha dos seus muros que o tempo enegrecou com o sêlo da vetustês e dos seculos? Foi talvez por isso que lhe mandaram aplicar em cima do negro das pedras carcomidas, na porta da entrada, umas pinceladas de cal, pintando-lh'as de branco, até meia altura da muralha, no contraste arripiante de um velho a quem pretendessem cobrir a face respeitavel e veneranda com o alvaiade do carão alvar de um palhaço.

Mas mais ainda.

A porta do castelo, unico espaço ainda ha um ano livre, de oito ou dez metros, naquele lado da muralha, foi agora entaipada pela casa de um brasileiro, que a camara ali consentiu que fosse construida e que se acha ainda em conclusão!...

\* \* \*

O interior do castelo de Cerveira faz honra ao exterior.

Ali se acumulam em vielas lobregas e estreitas os mais imundos casebres de que as fotografias dão ideia justa.

A população é, está claro, a mais miseravel da povoação.

Dentro da fortaleza tambem se encontram a igreja da Misericordia, a cadeia da vila e os paços do concelho, modestissimo edificio em breve substituido por outro deveras elegante que está a concluir-se á entrada da povoação.

A perda total do velho castelo julgo-a irremediavel, dado o abandono em que se encontra e a situação de encerrado que lhe crearam.

E, todavia, convenientemente conservado, que magestoso monumento não seria a curiosa fortificação, sem as casas que a envolvem, erguendo-se ainda com nobreza na sua decrepitude no meio do terreiro que lhe limitariam as casas das faces contrarias das ruas que em volta lhe abriram.

E assim se vão deixando perder esses monumentos por todos os titulos dignos de um carinho que desgraçada e estupidamente lhes negam.

NOTA. — O Castelo de Villa Nova de Cerveira parece ter sido construido por D. Diniz ai por 1360 e ta. data em que concedeu o primeiro foral á povoação que um tal João Nunes de Cerveira fundára em tempos de D. Sancho.

D. Fernando reforçou-lhe as muralhas como prevenção aos ataques dos hespanhoes com quem andava sempre em lutas.

A guerra da independencia levou o governador das armas do Minho, D. Diogo de Lima, a proceder a obras nas muralhas, na previsão de algum ataque aos hespanhoes, ataque que se deu de facto a 25 de setembro de 1643 e sendo os hespanhoes repetidos.

Tinha quatro portas, das quais tres estão empedradas, restanno só a Porta Nova, a seis metros da qual se ergue agora o chafiz pretencioso e banal d'um proprietario endinheirado.

O Castelo de Cerveira foi em afastados tempos sê e de alguns terços de infantaria, quando, após a restauração se começou a organizar o exercito pago.

Do alto da esplanada goza-se um belo panorama sobre o rio Minho para onde dava saída uma das portas do castelo, a Porta do Rio.

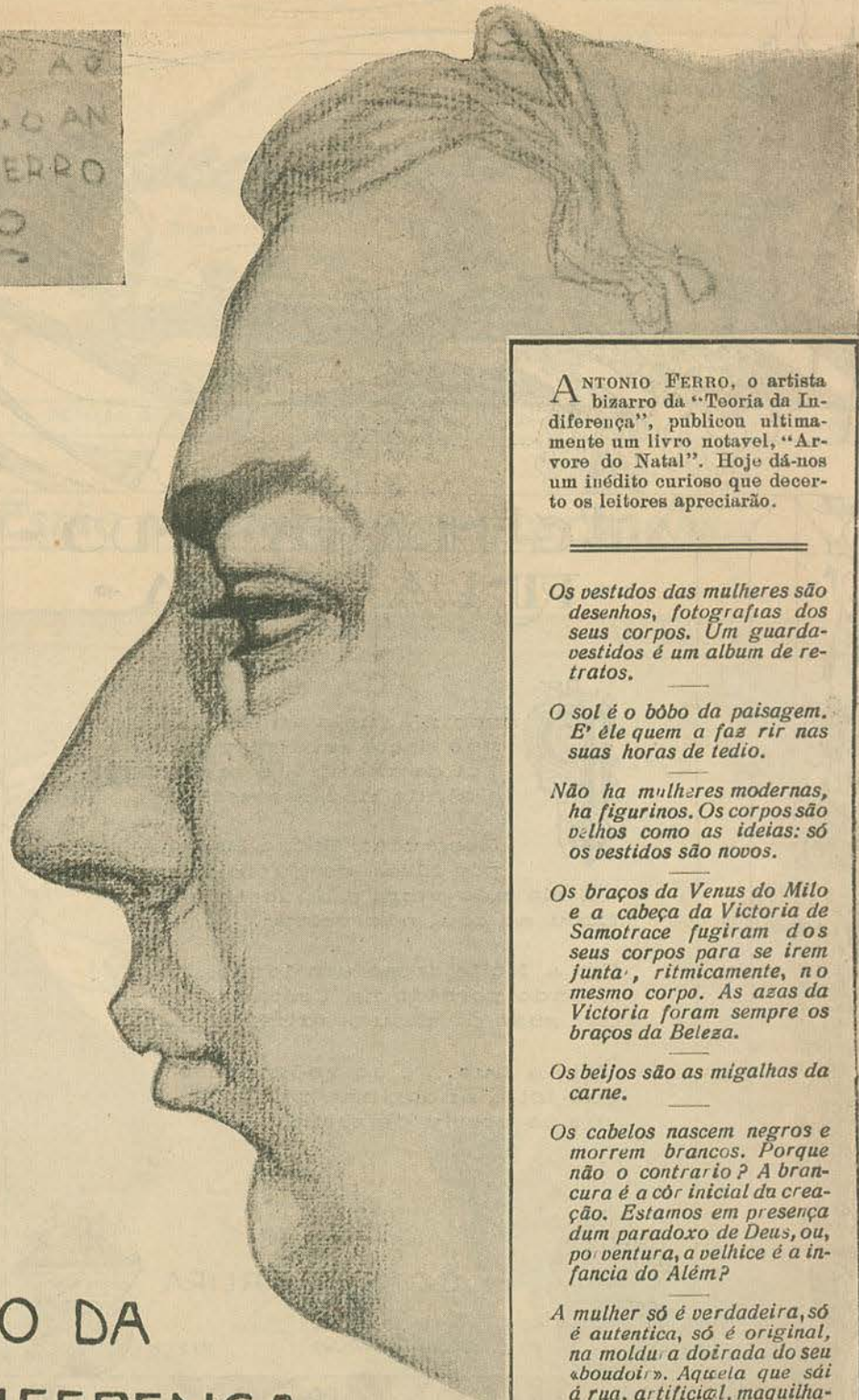
Das sete torres que flaqueavam as muralhas, já só duas se erguem acima do nivel dos muros; as outras caíndo pedra a pedra, razam já o alarme da cercu que com ellas se irá esmorenando, até que não reste vestigio do que foi o castelo de Cerveira.

(«Clchés» do autor)





ANTONIO FERRO  
O AMIGO AN  
TONIO FERRO  
1920



# No RITMO DA INDIFERENÇA

por  
*Antonio Ferro*

ANTONIO FERRO, o artista bizarro da "Teoria da Indiferença", publicou ultimamente um livro notável, "Árvore do Natal". Hoje dá-nos um inédito curioso que decerto os leitores apreciarão.

*Os vestidos das mulheres são desenhos, fotografias dos seus corpos. Um guarda-vestidos é um album de retratos.*

*O sol é o bôbo da paisagem. É ele quem a faz rir nas suas horas de tédio.*

*Não ha mulheres modernas, ha figurinos. Os corpos são olhos como as ideias; só os vestidos são novos.*

*Os braços da Venus do Milo e a cabeça da Victoria de Samotrace fugiram dos seus corpos para se irem junta, ritmicamente, no mesmo corpo. As azas da Victoria foram sempre os braços da Beleza.*

*Os beijos são as migalhas da carne.*

*Os cabelos nascem negros e morrem brancos. Porque não o contrario? A brancura é a cor inicial da criação. Estamos em presença dum paradoxo de Deus, ou, por ventura, a velhice é a infancia do Além?*

*A mulher só é verdadeira, só é autentica, só é original, na moldura dourada do seu «boudoir». Aquela que sai á rua, artificial, maquilhada, «poudre», não passa d'uma reprodução.*

*Os vestidos são os cartazes do corpo.*

*A mentira é o pó d'arroz do espirito.*



A LENDA DA ANDORINHA  
« RAINHA PRETA »

**P**ENSO n'aquela andorinha  
que deste jardim voou;  
Foi de manhã, é tardinha  
e ainda não regressou.

Rezo uma Salvé-Rainha  
por alma de quem matou...  
—E ela não vem, a andorinha,  
ficou no céu, não voltou.

Cáí a Noite como um lenço...  
E ando perdido na Creta  
das ruas do meu jardim...

Veio a Lua... e ao vê-la penso  
que foi a andorinha preta  
que se vestiu de setim.

GOMES FERREIRA

(*de "Longo", a publicus*)

1920



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Sécuro, 43, — Lisboa

## Estão verdes... e encarnadas



O talassinha — Isto, meu caro amigo, é um país arruinado, perdido, desvalorizado pela hora da morte, sem ter rei que governe.

O indiferente — É, é. Por isso vocês á falta de um querem impingir-nos dois.—Dois reis para um país perdido... é realmente um achado.



## PALESTRA AMENA

## Historia d'uma batata

Transcrevemos o seguinte escrito encontrado ha dias n'um barril de lixo:

Sou portugüesa e minha mãe vein de França encaixotada, ao contrario do que costuma acontecer com as pessoas, que são portugüesas e mandam vir os filhos de França. Foi minha mãe lançada á terra, estrumada, regada, e passados tempos começou a crescer para cima e para baixo, a dar folhas e raizes, n'uma das quais eu apareci e onde estive agarrada durante alguns mezes, até chegar á minha maioridade. Um dia senti cavar perto de mim e uma voz dizer: «Cantela, não cortes com a enxada alguma batata, porque valem hoje um dinheirão.» D'aí a pouco vi pela primeira vez a luz do dia, que me pareceu magnifica e os homens, que me pareceram muito delicados, porque um d'elles pegou-me com o maior cuidado e meteu-me, com minhas irmãs, n'um caixote, depois de me ter na mão, d-me afagar e dizer: — «Esta vale, pelo menos, um tostão!»

O caixote foi transportado para uma estação de caminho de ferro, onde não fui tratada com tanto carinho, porque outros homens, de má catadura, atiraram connosco para cima d'uma balança, avisando-os o nosso dono: — «Não sejam brutos, que cada batata que afai, depois de pago o transporte, vale dois tostões!»

D'aí a quinze dias (porque tínhamos sido despachadas em grande velocidade) partimos n'um comboio para Lisboa, onde chegámos seis mezes depois, isto é, onde cheguei eu e mais tres manas, porque as restantes foram ficando nas estações de transito, onde o caixote era aberto e onde nos iam gradualmente dizimando a familia. Cheguei, pois, á capital, grelada e seca, e em Santa Apolo ia fui transportada para uma carroça em direcção á Praça das Flores. Ali cheguei, efectivamente, á loja d'um mercieiro, mas sósinha, porque no trajeto o carroceiro arrombou o caixote e meteu nas algibeiras as minhas manas, chamando-lhes, ao que disse, um figo.

O mercieiro abriu o caixote e exclamou, ao ver-me: — «Pois consegui que chegasse uma batata! Que felicidade!» E acrescentou: — «Não vale menos de dez tostões!»

Expôs-me na vitrine e fui durante dias a admiração dos transeuntes, que entravam, apalpavam e saíam sem me comprar, porque achavam cara. Ao primeiro transeunte o mercieiro pediu dez tostões, onze ao segundo, doze ao terceiro, treze ao quarto, quatorze ao quinto, e assim sucessivamente, de maneira que oito dias depois um lefreiro a meu lado marcava cincoenta contos e duzentos mil réis. Foi então que um novo rico me comprou, acondicionando-me em cima de algodão em rama,

perfumando-me com essencia de violeta e levando-me de automovel para casa, com destino a um banquete que estava para dar aos amigos por ter ganho n'essa occasião cincoenta contos de réis na venda de tres quilos de açucar.

Apareci á sobremesa, n'uma travessa de Sacavem, que o dono da casa tinha comprado por Sèvres, e ali fui alvo de geral espanto: — «Uma batata! exclamaram os convivas, para o anfitrião; pois você conseguiu obter uma batata! Qual de nós se atreverá a comer uma tal raridade?» Ninguém me comeu, efectivamente e hoje encontro-me conservada em alcool, na sala Luís XV do meu proprietario, que me mostra ás visitas, mas em segredo, para não ser multada como açambarcador...

J. Neutral.

## A carta do ex-rei

D. Manecas 2.º — o primeiro é, o conhecido mano do Quim — quando toda a gente julgava que tinha tomado juizo, botou epistola ao nosso Aires, da qual se vê que está disposto a vir brevemente por aí abaixo a fim de pôr isto tudo a direito, o que se torna facilissimo desde que se dê a amnistia.

Depois de dizer, á brasileira, «vejo-me obrigado a novamente «me» dirigir ao meu Representante», declara que «economicamente a fome bate á porta dos pobres especialmente» (pudera! havia de ser dos ricos!) «financeiramente a ruina aproxima-se dia a dia» e na nossa situação internacional é melhor não falar».

Em seguida explica, em bundo, que «são bem negras as côres d'este qua-



dro mas quem quizer pinta-lo com côres de rosas faltará á verdade» e acaba por declarar que a crise que Portugal atravessa é a mais grave da sua historia, desde 1580.

Pois é aí que nos doe. A de 1580 foi devida ao maluquinho de D. Sebastião; a d'agora vem de traz, de varios cavalleiros que, á sombra da corôa, inauguraram a politiquice de compadrios e corrações, que se introduziu nos costumes e que tanto custa a sair.

Pois então venha d'aí o D. Manecas e o primo D. Duarte, que serão recebidos de braços abertos e (se dão licença que nos apropriemos d'um dito alheio) um cacete em cada braço,

## Escolas ao ar livre

Recebemos a seguinte missiva:

Sr. redactor.

«Li no «Seculo» do dia 16 que o sr. Rego Chaves, ex-ministro da instrucção, determinou que a inspecção escolar promova a installação, na capital, de uma ou mais escolas primarias ao ar livre, porque os medicos são de opinião que muitas das enfermidades de que as crianças sofrem proveem de se aglomerarem em recintos fechados.

Sou a dizer-lhe, sr. redactor, que n'essa parte a provincia ha muito que leva a palma a Lisboa, porquanto a escola onde sou professor é ao ar livre e o mesmo acontece a muitas outras que



conheço. Sou aqui mestre ha 20 anos e quando tomei conta d'ela ainda a escola tinha quatro paredes e uns restos de tecto; este, porém, com os invernos foi abatendo e com as paredes, de adobas, deu-se a mesma coisa, de maneira que hoje dou lições com o céu por tecto e as longuinhas montanhas por paredes.

O resultado, sanitariamente falando, é que não tem sido tão satisfatorio como seria de prever, o que attribuo ás ventanias, chuvas e soalheiras que os pequenos apanham e os dizem que é um louvar a Deus, mas attribuo esta contradição entre a sciencia e a pratica á falta de habito, visto que, propriamente, só ha 18 anos é que estamos ao ar livre; veem a habituar-se.

Se v. entender que estas linhas merecem a publicação, muito grato lhe fica o at.º ven. da r.

Jeremias Constante.

## Salmão de conserva

Contam da America que n'uma prisão, em Clifton, todos os presos foram atacados d'uma doença, por comermem salmão de conserva, doença cujos sintomas são deveras extraordinarios; os atacados parece que estão carregados de electricidade!

Pedimos licença para observar aos medicos que os examinaram, que são muito tapados. O estarem os homens n'aquello estado, o que prova é que regaram abundantemente o salmão, com a bela da vinhaça. No velho continente, não ha ninguém que não saiba que estar electrificado é estar borracho.



## O FENOMENO DA COSTUREIRA

O fenomeno denominado «da costureira», que, como se sabe, consiste em se ouvir o ruído d'uma maquina de costura a trabalhar, sem existir no local maquina nenhuma, já chegou ao Porto. E' no quartel da Guarda Republicana que ele se manifesta, — como, aliás era natural, porque as costureiras são danadas pela farda marcial.

O melhor do caso é que os da guarda chamaram, para explicar o misterio, quem saber quem? o sr. Leonardo Coimbra, como se este pareceesse alguma coisa de labores femininos! E' claro que meteu os pés pelas mãos, dando, porém a entender que os sabios são malucos — no que todos estamos d'accordo.

## A falta d'agua

Não ha outro remedio senão intervirnos com as nossas luzes na demorada questão da falta d'agua, porque a comissão nomeada para providenciar não ata nem desata, sendo de prevér que, quando apresente os resultados das suas loc. braças, já Li boa não precise de providencias, porque virão em meio do inverno. E' verdade que alguma coisa já transpirou de tantos trabalhos, como se já a idéa de acabar com a lavagem dos urinoes e com as regas nas ruas dos bairros pobres, mas d'essas duas sabias medidas não podem deduzir-se as restantes, visto que não



é provavel que o nivel das aguas canalizadas aumente com ellas, sabendo-se, como se sabe, que nas lavagens e regas referidas não se gasta por dia mais d'um litro d'agua.

Vamos, pois, a isto. Decreto-se:

1.º — A supressão da agua benta nas igrejas.

2.º — A liberdade de se verterem aguas a qualquer hora e em qualquer local.

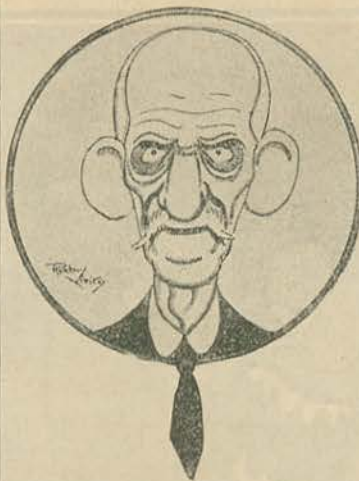
3.º — Instituição d'um premio valioso por cada filho que a rua da Mãe d'Agua der á luz.

4.º — Aproveitamento das aguas que rebentam nos parios.

5.º — Obrigação de todas as mulheres bonitas e homens simpaticos se exhibirem nos bairros onde mais se faça sentir a falta d'agua, para que aos seus habitantes cresça a agua na boca.

Parece-nos isto o suficiente e a quem achar estupidas estas idéas responderemos que até agora não appareceram melhores.

## EM FOCO



## Joaquim d'Azevedo

*Dizem que é um prodigio de tesura,  
Que quando quero não sofre contradita,  
Que faz tremer a gente quando o fita,  
Que ninguem o domina nem segura.*

*Se diz: — Quero batatas com fartura!  
A terra dá batatas, não hesita.  
Se — Venha açucar! o Azevedo grita  
Brotam canas na rocha negra e dura.*

*Emfim, essa energia, que lhe exalto,  
Muito embora no tom de brincadeira  
Que se costuma usar n'estas poesias,*

*E' tal que em o Belford falando alto,  
Mete-se logo atruz d'uma cadeira  
E fica lá de côcoras tres dias!*

BELMIRO

## Logares selectos

## O melhor vento

Corria lá pela aldeia  
Ditado que Deus mantenha:  
«A quem Deus quer ajudar  
O vento lhe ajunta a lenha...»

Mulher pobre e grênçiosa  
Que nesta aldeia morava,  
Ouviu, gostou da sentença,  
N'ela se sentenciava.

Não quiz saber se mer'cia  
Ou não, que Deus a ajudasse;  
Foi á lenha, ao monte e disse  
Ao vento que lh'a apanhasse.

Ora o vento, ao que parece,  
Tinha lá seu pensamento:  
Em vez de a ajuntar, espalha-a,  
No que mostrava ser vento.

E a perçuiçosa da velha  
(O sol de inverno lhe valha!)  
Voltou a casa á noiteinha  
Sem trazer nem maravalha.

Já se vê, não fêz fogueira  
Nessa noite de inverno  
E ao frio que padecia  
Quasi de frio morria.

De manhã lá volta ao monte,  
Mas, ao lembrar-lhe a lição,  
Não espera pelo vento:  
Ajunta por sua mão.

E depois, dizia ella,  
De consolada ao borralho:  
— Vento com que Deus ajuda?  
O mais seguro é o trabalho.

Antonio Correia de Oliveira.

## Ainda o Ipana

Ainda... e sempre. Não largaremos o Ipana de mão, nem a direcção do Jardim Zoologico o larga, multiplicando os reclamos a tão importante personagem. O ultimo resa assim: «Uma vez no parque nenhum dos forasteiros deixa de procurar com interesse o notavel Ipana, cuja dilatada tromba cada



vez se apresenta mais engraçadamente, solicitante e cumprimentalora.»

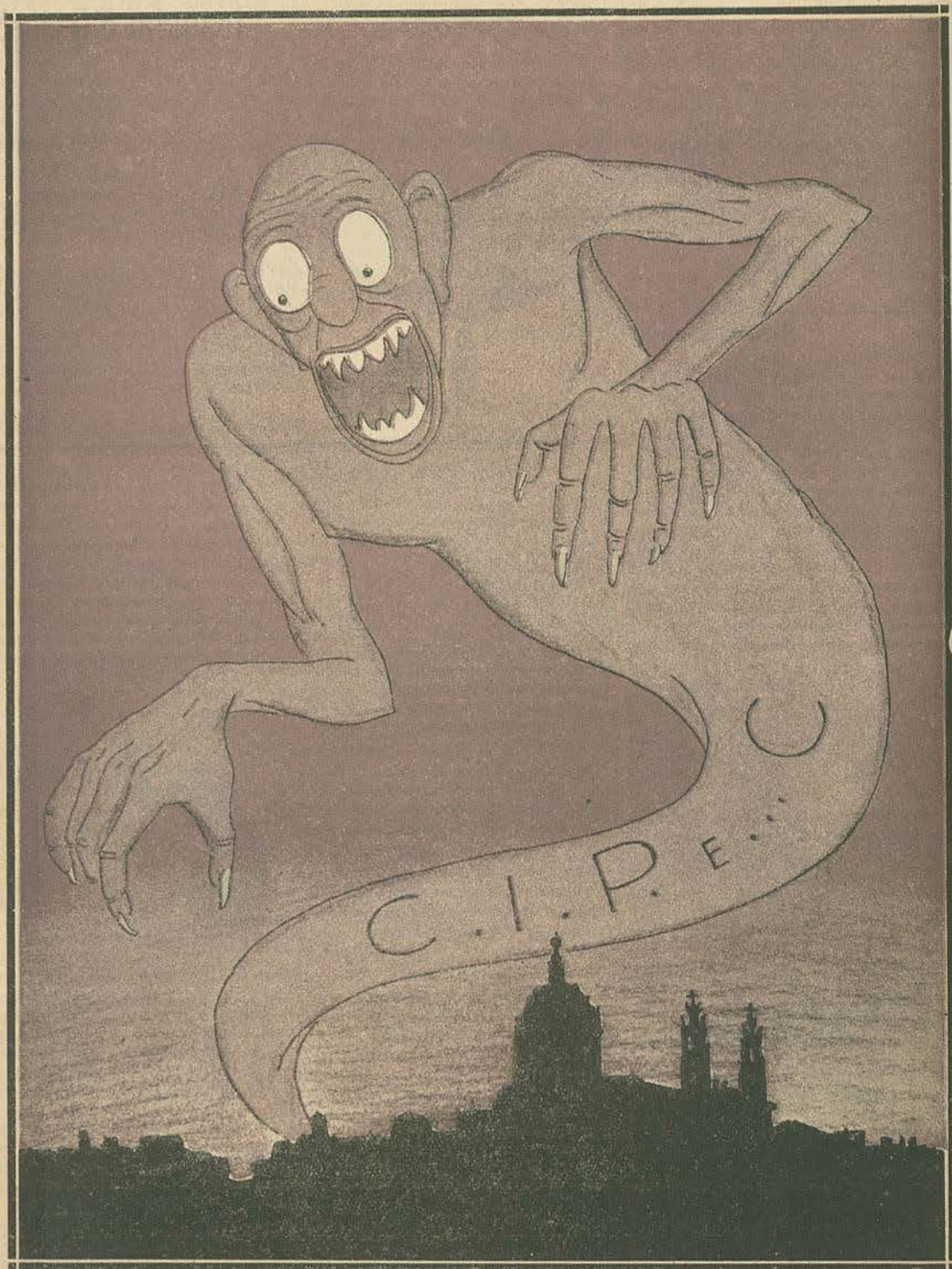
Com o devido respeito, parece-nos que n'estas palavras houve o proposito de comparar o bicho a uma alta personalidade da politica portugueza, no intuito de atrair para aquelle as simpatias de que este goza.

Aparte a tromba — visto que se trata d'um rosto humano, por sinal bem bonito — estão os senhores a ver quem é que se apresenta engraçadamente, solicitante e cumprimentador...

## Basket-ball

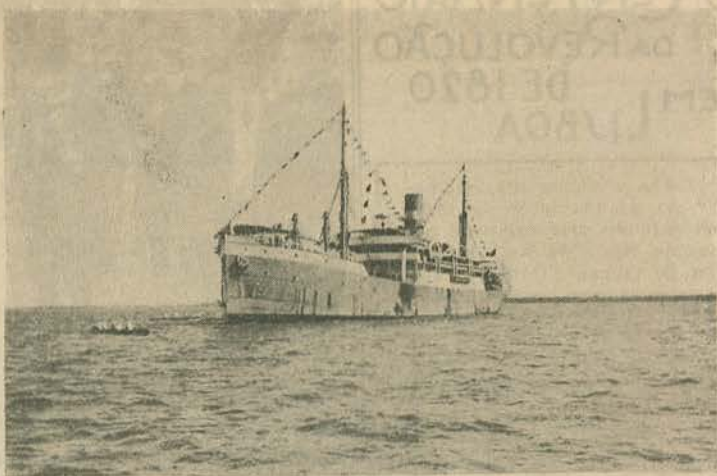
Pratica-se agora em Lisboa um jogo esportivo, chamado «Basket-ball, enjas regras o sr. Carlos Vilar está traduzindo. Ha dias explicava ele o que eram, no dito jogo, os «umpires, como se não soubesse toda a gente que um pires é o pratinho onde se coloca a chavena!

# A nova Costureira

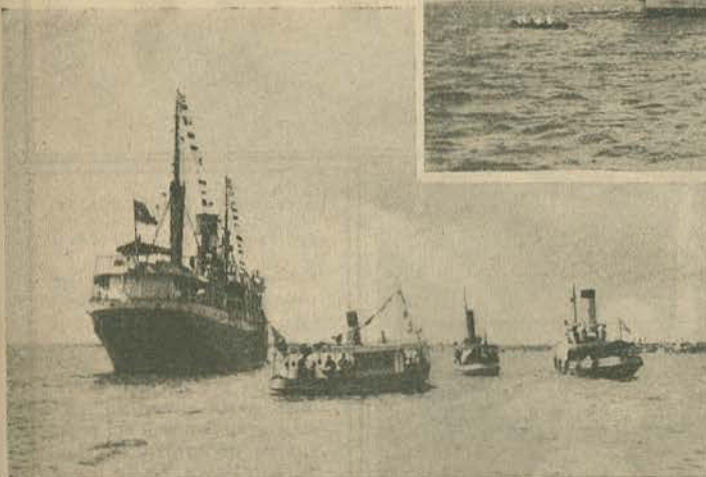


*A Nova Companhia Industrial e... Colonias (Moagem), como o fenomeno da costureira, tambem se faz sentir em todos os estomagos.*

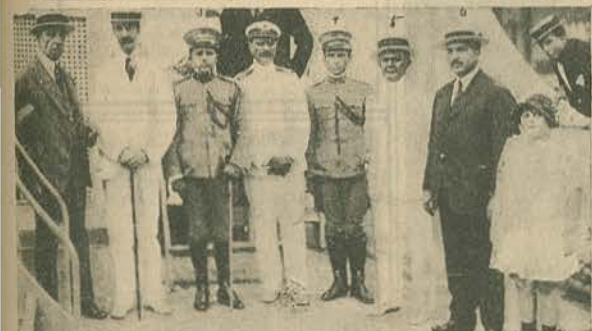
# CVAPOR NO LIMA PARÁ



O «Lima» nas águas paraenses  
Chegada ao por.º.



O vapor português «Lima», que inaugurou as carreiras para o norte do Brazil, foi recebido no Pará com as mais entusiásticas e carinhosas demonstrações de estima e apreço. Tudo o que escrevamos é pouco tão grandes elas foram. Tudo o que digamos nada é, tanto ecoam na nossa alma. Banquetes, festas nas ruas, festas nos teatros, recepções, tudo



A oficialidade do «Lima».



o Brasil prodigalison ao paquete que levava a bandeira do país irmão. Imponentísimas, a elas se associa o nome do nosso consul, sr. Julio do Amaral, que soube enaltecer o nome do país que representa, tornando-se querido na terra onde é autoridade. A ida do «Lima» ao Pará mais estreitou as relações lusobrasileiras. E em honra dos nossos bravos marinheiros o Pará encheu-se de alegria e em unisono aclamou o nome português.



# O CENTENARIO DA REVOLUÇÃO DE 1820 EM LISBOA

LISBOA comemorou o centenario da revolução de 1820, inaugurando uma estatua á sua heroína Maria da Fonte no jardim de Campo d'Ourique, esta-tua que é uma obra prima de



A caminho da cerimonia. O sr. dr. Teofilo Braga e os representantes do governo.



Costa Mota (tio), e uma lapide na rua Silva Carvalho, antiga rua de S. Luis. Ambas as ceremonias, embora modestas, não deixaram de ser revestidas de uma certa grandeza. A elas assistiram o sr. presidente do ministerio e dr. Teofilo Braga, tendo tambem havido festa nos quartes e musicas nos coretos publicos.



2. O sr. dr. Teofilo Braga e o sr. presidente do ministerio. — 3. A estatua da Maria da Fonte. A inauguração da estatua. O descerramento da lapide. (Clichés Serra Ribello)



# A EXPOSIÇÃO DO CONCURSO DAS FIGURAS NACIONAIS



No salão da «Ilustração Por'ugueza» inaugurou-se a exposição dos brindes do Concurso de Figuras Nacionais. E' curiosa e vale a pena ver pelo que teve de agradável, de útil, de precioso e de interessante esta curiosa exposição em que os maiores premios dependem de um acaso da sorte caprichosa e do trabalho insignificante de uma caderneta.

## O NOVO COMISSARIO DOS ABASTECIMENTOS



O Sr. Joaquim d'Azevedo, novo commissario dos abastecimentos. O que p'videncia, vigie, ordene e nos possa fazer algum bem, que de a quem nos tenha feito mal enche a gente as colunas de requiescat in pace.

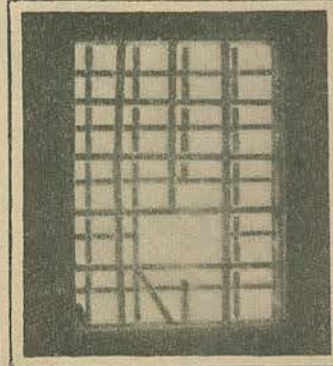
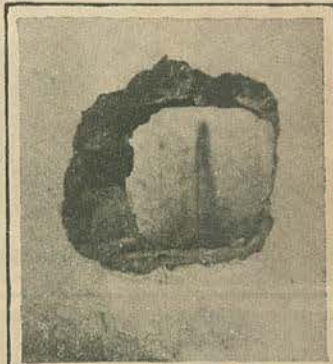
## O CERCO AO JOGO

O jogo vicio, o jogo canero, teve nova operação. Mas as recidivas são muitas. No entanto, para que o doente melhore, o governo poz-lhe de vigia um «enfermeiro» da guarda republicana.

A' porta do «Palais Royal» na Avenida da Liberdade



## UMA EVASÃO AUDACIOSA



Por onde se evadiram do quartel de Infanteria 1, nove soldados re-cuosos. (Clichés Serra Ribeiro)

# O CONGRESSO TRASMONTANO



Vista panorâmica da vila de Peso da Regua. (T.)

Por muitos anos o Congresso Trasmontano será lembrado como facto notavel d'aquella riquissima e notavel região. E se não fosse a morte subita do coronel Desiderio Beça, ele deixaria inolvidáveis saudades. Regua, Vila Real, todas as terras importantes dos districtos da região se engalanaram para receber os congressistas. A pitoresca provincia soube assim honrar os que lhe são queridos e melhor do que a nossa prosa descolorida falam as fotografias amabilissimamente cedidas pelo sr. Miguel Monteiro, de Vila Real (M. M.) e pela fotografia Teixeira, da Regua (T.).



EM VILA REAL. — A assistência nas janelas e esquadria dos Paços do concelho, durante o desfile do cortejo cívico pela Av. Carvalho Araújo. (M. M.)



REGUA. — Uma fase da tourada do dia 8. (M. M.)



Coronel Desiderio Beça



REGUA. — O povo na estação á chegada dos congressistas. (T.)



REGUA. — A multidão que junto da gare aguardava a chegada dos congressistas. (T.)



REGUA. — A rua da Alegria ornamentada. (T.)



REGUA. — Exposição agrícola. (T.)



EM VILA REAL. — Um aspecto da exposição de pintura do talentoso artista Trindade Chagas. (M. M.)



REGUA. — Exposição agrícola. (T.)



EM VILA REAL. — Um aspecto da exposição de trabalhos femininos que se realizou no edificio dos Paços do concelho. (M. M.)



REGUA. — A passagem da procissão. (T.)



Um aspecto da procissão na Regua. (T.)



REGUA. — Os combots repletos de passageiros. (M. M.)

# ACTUALIDADES



1—O «Pays de Weys» que conduz o príncipe Leopoldo da Bélgica ao Rio de Janeiro.



2—S. A. Príncipe.  
3—A visita à C.ª das Águas. Um director conversando.



4—As vencedoras das provas de remo nas festas nauticas de Pedrouços: D. Maria Constança Rosa, D. Maria do Vale, Dr. José Reis (timoneiro) D. Esperança Sanz Toribio e D. Laura d'Almeida Pinto.  
5—O maestro Arturvão, nomeado por concurso chefe da banda da armada.



6—O sr. Joaquim Vitor Varques vencedor das provas de nataçao em Pedrouços.  
7—A canoa que alcançou o 2.º



(Clichés Serra Ribeiro)

# "THE MERCANTILE AGENCY"

Agência Internacional de Informes Comerciaes

## R. G. DUN & Co.

---

Possue no mundo inteiro e sob a mesma razão social

### 248 SUCURSAES

57	sucursaes	na	Europa
149	)	nos	Estados Unidos
17	)	no	Canadá
7	)	no	Mexico
5	)	na	Australia
4	)	na	Nova Zelandia
4	)	em	Africa
2	)	na	Republica Argentina
1	)	no	Brazil
1	)	em	Cuba
1	)	em	Porto-Rico

Estas sucursaes, cujo pessoal regular comprehende mais de 10.000 empregados, teem alem d'isso um certo numero de agentes em todas as principaes cidades do mundo. Esta organização complementar que emprega mais de 800.000 correspondentes estende assim sobre o mundo inteiro os seus serviços e sua acção, reforçados com os seus 79 anos de existencia

---

## CASA AMERICANA

*Fundada em New-York em 1841*

---

Central para PORTUGAL: 103, Rua do Comercio-LISBOA  
Sucursal: 10, Rua do Almada-PORTO

TELEFONE

283 c.



O vestido que eu levava é lindíssimo?

Comprou-o a Mamã na casa de mais gosto de Lisboa, LOJA INFANTIL Souza & Pinto, Rocio, 114 e 115.

# LAVOL

Para A Pelle  
A Maravilha Dos Medicos

Durante quatro longos annos esta pobre creança foi torturada por comichões terriveis.

Recentemente souberam da nova e maravilhosa descoberta para a pelle, Lavol. Desesperados experimentaramo. Depois de 30 dias ficaram surprehendidos ao ver que o seu filho tinha sido limpo d'esta terrivel doenca.

Lavol é na realidade o primeiro remedio eficaz para doencas de pelle que se tem descoberto. E um liquido poderoso e potente que se applica directamente ás partes enfermas e que dá alivio instantaneo. Deixa a pelle clara e pura.

Vende-se em todas as principaes drogarias e pharmacias.

VICENTE RIBEIRO & CARVALHO DA FONSECA

LISBOA, 237-10 Rua da Prata

PORTO, 192 Rua do Bonjardim



## Consultorio Psico-magnetoterápico

Tratamento das doencas organicas, nervoas e mentaes pelo **MAGNETISMO FÍSICO** e pela **PSICOTERAPIA**, auxiliados pelos meios fisicos e regimens naturaes, com a **completa exclusão** de medicamentos ou drogas.

Os que estão pois desenganados, cansados de sofrer e que perderam toda a esperanca de curar-se, lembrem-se que os meus especiais tratamentos Psico-fisico-magneticos e dieteticos os pode salvar e restituir-lhes a saude por mais antigos e graves que sejam os seus padecimentos.

**Dr. Indiveri Colucci**

T. C. JOÃO GONÇALVES, 20, 2.º, Esq. — Esquina A, Almirante Reis (ao Intendente),

## TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas officinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"  
Rua do Seculo, 43 — LISBOA

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



**M. ME BROUILLARD**

Liz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quimicas, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpentigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria. A quem predisse a queda do império e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (90-bra-loja) — Lisboa. Consultas a 500, 1000 e 1300.



É como lhe digo minha boa amiga  
Os Productos de Toilette

**"CELSUS"**

são os melhores e por isso  
todas os devemos usar e preferir

VENDE-SE EM TODAS AS

**PERFUMARIAS, FARMACIAS e DROGARIAS**

DEPOSITO GERAL FERNANDES, ALMEIDA & C.  
RUA DO LARGO, CORPO SANTO 10 1 LISBOA.

## NEGOCIOS com a INGLATERRA

"Casa estabelecida em 1907"

**Secção de Comissões** dedicada á compra e venda de mercadorias e em geral por conta de terceiros.

**Secção de Importação** fazendo uma especialidade nos productos Portuguezes e Brasileiros de toda a especie.

**Secção de Exportação** Dá preços cif. qualquer porto sem mais despesas para qualquer artigo de procedencia Britanica.

**Secção de Seguros** Coloca em condições vantajosas estes contra GREVES e TUMULTOS no Lloyd Inglez.

**A. GUERRA & Co.**

28a, King William Street — LONDRES E. C. 4.

# Pilulas laxativas Boissy

(SAPONACEAS)

O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue, anti-biliosas e refrigerantes.

A venda em todas as farmacias e drogarias

DEPOSITO GERAL PARA REVENDA

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca  
Rua da Prata, 237, 1.º



Ver na proxima quarta-feira o

Suplemento de Modas & Bordados (do século)

Preço 10 centavos

## ASTHMATICOS Desanimados!

o Pó DE ABYSSINIA EXIBARD

Sem Opio nem Morphina.

ALLIVIA instantaneamente Cada anno milhares de doentes

H. FERRE, ELOTIERE & C<sup>ie</sup>, 6, Rue Dombaste, Paris

CHOCOLATE, CACAU e BONBONS

SÓ DA AFRICANA

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA-

Annibal Tavares  
OURIVES-JOALHEIRO  
Sempre novidades  
- Rua da Prata, 97 -

### Casamentos

Desejam consorciar-se uma senhora viuva, de 42 anos, bonita, elegante e instruida, muito digna e de finissimas qualidades domesticas e sentimentos mores sendo possuidora de uma solida fortuna no valor de 92 contos e igualmente Rapaz 31 anos pequena fortuna, larga pratica administração quaesquer negocios commerciaes ou agricolas, serlo casarla com senhora soiteira ou viuva sem filhos tenha melos. (Resposta com selo) M. CLUB OF NEW-YORK PORTO.

P-2616-6 in. D. C.-Y. & T.-J. R. Kay Co.

TRADE **YALE** MARK

## Protecção Para O Lar

Quando o protector natural está ausente um dispositivo mechanico deve tomar o seu lugar.

Para a protecção real da casa uma Fechadura de Trinco Yale de Cilindro para usar durante a noite é sem rival.

Ha sómente um meio para abrir uma Fechadura de Trinco Yale de Cilindro para usar durante a noite, e esse meio é a chave que foi-feita para ella.

O mecanismo de cerrar, de voltas, é o segredo da segurança, e não se sabe d'um só caso em que um ladrão tenha aberto, uma d'estas fechaduras em uso corrente.

Com uma Fechadura de Trinco Yale de Cilindro para usar durante a noite, na vossa porta não pode entrar nenhum intruso que tenha más intenções. ☞

Deveis buscar a marca de fabrica "Yale" no producto para terdes certeza do que comprais. Acha-se em cada Fechadura de Trinco Yale para usar durante a noite, Cadeado, Fecho de Porta, Fechadura de Banco, Bloco de Cadeia ou peça de Ferragens de Construcção Yale.

THE YALE & TOWNE MFG. CO.

Estabelecida em 1868

Nova York

E. U. A.



A MELHOR MAQUINA DE ESCRIVER É A

WOODSTOCK RUA DO AMPARO 06-32

### M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE

Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias utels das 12 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esqulna).



# COLLARES *Burjacas*



SUCURSAL  
EM LISBOA  
R. NOVA DA  
TRINDADE  
126 a 132



VINHOS DE TIPO  
INALTERAVEL

COLLARES  
ALMOÇAGEME  
PORTUGAL

Rosário Vieira